

Esta pesquisa, que vem sendo realizada desde novembro de 2010, objetiva dialogar com mulheres participantes de grupos de artesanato, sobre situações cotidianas enfrentadas por elas, tendo como foco o que estamos chamando de violência familiar implícita e explícita. No decorrer dos encontros, a proposta inicial de promover a coletividade de mulheres negras atendidas pela OnG “Maria Mulher” (Porto Alegre, RS) as quais apresentassem demandas em que os limites da/na legislação impossibilitariam o encaminhamento jurídico da denúncia, foi alterada, em parte. Permanecemos com uma tentativa de diálogo, que vai ao encontro de propostas que primam pela efetivação dos Direitos Humanos das Mulheres (TELES, 2006) na OnG “Maria Mulher” e ampliamos nossa atuação para a AICAS (Associação Inter Comunitária de Atendimento Social, Porto Alegre, RS), tendo por base a necessidade de alternativas em rede na luta por direitos. Percebemos que os grupos de discussão (WELLER, 2006), já referidos, atrelados à produção artesanal, podem contribuir na busca por alternativas viáveis na construção de projetos de vida que possibilitem condições de superação da opressão vivenciada, através do empoderamento das mulheres, já que o auxílio da Lei ou de qualquer outro aparato jurídico, não se aplica. Esta proposta tem sido um estudo aprimorado de processos educativos não-formais que se tornam eficazes e provocadores da formalidade (neste caso a escola e as instâncias jurídicas). Como considerações, verificamos ser desnecessária qualquer abordagem sobre o tema “violência contra mulher” para que ocorra o relato de experiências vividas pelas participantes do grupo. Também, encontramos limites da/na legislação, em breves conversas com elas, mesmo que este não seja o único foco do diálogo: deficiências na rede protetiva às mulheres em situação de violência, medo de represália por parte da mulher e a falta de proteção ao denunciante quando este não é a mulher agredida ou outra mulher. Porém, com o aumento gradual de integrantes no grupo de artesanato e com a proximidade que foram adquirindo, notamos a diminuição dos relatos de violência vivida (no que abrange aspectos da violência familiar explícita) e mais numerosa a presença de um discurso androcêntrico e machista (que compõe parte do que chamamos de violência familiar implícita ou naturalizada), o qual entendemos que pode impedir que estas mulheres percebam sua situação de opressão. Também, pode-se entender que participar do grupo é um “momento-janela” onde estas mulheres experimentam um espaço diferenciado e propício para a discussão de seus sonhos e desejos sexuais – temas muitas vezes não discutidos no âmbito familiar com seus próprios companheiros. Há no grupo uma possibilidade de dialogar porque a cumplicidade entre as participantes se instaura no momento dos encontros. Os grupos de artesanato, das duas instituições, são bastante heterogêneos possuindo mulheres de diferentes grupos sociais. Porém, mesmo que haja tais diferenças, percebemos que seus anseios se aproximam consideravelmente.